



SAGA QUE INSPIROU A SÉRIE **THE 100**



KASS MORGAN

Obras da autora publicadas pela Galera Record

*Série **The 100***

The 100

Dia 21

KASS MORGAN

DIA

21

Tradução de
Rodrigo Abreu

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2015

Morgan, Kass

M846d Dia 21 [recurso eletrônico] / Kass Morgan; tradução Rodrigo Abreu. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2015.
recurso digital (The 100; 2)

Tradução de: Day 21

Sequência de: The 100

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10383-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Rodrigo.
II. Título. III. Série.

15-19809

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

Day 21

Copyright © 2014 by Alloy Entertainment

Publicado mediante acordo com Rights People, London.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Adaptação de capa: Renata Vidal

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o
Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10383-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para meus pais e avós, que me ensinaram a olhar o mundo e as palavras com encanto

CAPÍTULO 1

Wells

Ninguém queria chegar perto do túmulo. Apesar de quatro dos seus já estarem enterrados no cemitério improvisado, o resto dos cem ainda ficava perturbado com a ideia de colocar um corpo debaixo do solo.

E também não queriam ficar de costas para as árvores. Desde o ataque, um galho rangendo era o suficiente para fazer os sobreviventes ansiosos se assustarem. E então, as quase cem pessoas que tinham se reunido para dar adeus a Asher formaram um semicírculo bastante compacto, os olhares se revezando entre o cadáver sobre o solo e as sombras na floresta.

O crepitar confortante da fogueira estava visivelmente ausente. Tinham ficado sem lenha na noite anterior, e ninguém estava disposto a se arriscar saindo para buscar mais. Wells teria ido, mas estava ocupado fazendo a cova. Ninguém tinha se oferecido para aquela tarefa também, a não ser um garoto arcadiano alto e quieto chamado Eric.

— Temos certeza de que ele está realmente morto? — sussurrou Molly, se afastando do buraco fundo, como se estivesse preocupada com a possibilidade de também ser engolida por ele.

Molly tinha apenas 13 anos, no entanto parecia mais nova. Pelo menos, costumava parecer. Wells se lembrava de ajudá-la depois da queda, quando lágrimas e cinzas criavam linhas em suas bochechas redondas. Agora o rosto da menina era fino, quase cadavérico, e havia um corte em sua testa que parecia não ter sido lavado adequadamente.

Os olhos de Wells se viraram involuntariamente para o pescoço de Asher, para a ferida irregular onde a flecha tinha perfurado sua garganta. Havia dois dias que Asher tinha morrido, havia dois dias que os vultos misteriosos tinham se materializado nas montanhas, subvertendo tudo que os Colonos já ouviram, tudo o que achavam que sabiam.

Eles foram enviados à Terra como cobaias, as primeiras pessoas a colocarem os pés no planeta em trezentos anos. Mas eles estavam enganados.

Algumas pessoas nunca foram embora.

Tudo tinha acontecido tão rápido. Wells não percebera que algo estava errado até Asher cair no chão, sufocando enquanto tentava arrancar a flecha alojada em sua garganta. Foi então que Wells se virou — e os viu. Emoldurados pelo sol poente, os desconhecidos se pareciam mais com demônios do que com humanos. Wells tinha piscado, meio que esperando que os vultos fossem desaparecer. Não havia como serem reais.

Mas alucinações não disparavam flechas.

Depois de seus gritos por socorro serem ignorados, Wells carregou Asher até a barraca da enfermaria, onde guardavam os suprimentos médicos que tinham sido recuperados do incêndio. Mas não adiantou. Quando

Wells começou a procurar freneticamente por ataduras, Asher já havia partido.

Como poderiam existir *pessoas* na Terra? Isso era impossível. *Ninguém* tinha sobrevivido ao Cataclismo. Aquilo era incontestável, tão profundamente arraigado na mente de Wells quanto o fato de que água congelava a 0 grau Celsius, ou que planetas giravam ao redor do sol. E, ainda assim, ele os tinha visto com seus próprios olhos. Pessoas que certamente não tinham vindo da Colônia no módulo de transporte. *Terráqueos*.

— Ele está morto — disse Wells a Molly, enquanto se levantava com esforço antes de perceber que a maior parte do grupo estava olhando fixamente para ele.

Algumas semanas atrás, suas expressões estariam cheias de desconfiança, ou seriam até mesmo total desprezo. Ninguém acreditava que o filho do Chanceler tinha realmente sido Confinado. Fora fácil demais para Graham convencê-los de que Wells havia sido enviado para espionar a mando do pai. Mas agora, olhavam para Wells com esperança.

No caos após o incêndio, Wells tinha organizado equipes para selecionar os suprimentos restantes e começar a construir estruturas permanentes. Seu interesse em arquitetura da Terra, antes uma fonte de aborrecimento para seu pai pragmático, tinha permitido a Wells projetar as três cabanas de madeira que agora ficavam no centro da clareira.

Wells olhou para o céu que escurecia. Ele daria qualquer coisa para que algum dia o Chanceler visse as cabanas. Não para provar alguma coisa — depois de ver o pai baleado na plataforma de lançamento, o ressentimento de Wells tinha desaparecido mais rápido

do que a cor do rosto do Chanceler. Agora ele apenas desejava que seu pai um dia pudesse chamar a Terra de lar. O restante da Colônia deveria se juntar a eles assim que as condições na Terra fossem consideradas seguras, mas 21 dias tinham passado sem ao menos uma faísca vinda do céu.

Quando Wells baixava os olhos para o solo, seus pensamentos voltaram à tarefa iminente: dizer adeus ao garoto que estavam prestes a mandar para um local de descanso muito mais escuro.

Uma menina ao seu lado estremeceu.

— Podemos seguir com isto? — perguntou ela. — Não quero ficar aqui fora a noite toda.

— Não use este tom — repreendeu outra menina, chamada Kendall, os delicados lábios apertados e a testa franzida.

A princípio, Wells achou que ela também era phoeniciana, mas acabou percebendo que seu olhar arrogante e a cadência distinta em sua fala eram apenas uma impressão das garotas com quem Wells tinha crescido. Aquela era uma prática bastante comum entre jovens waldenitas e arcadianas, embora nunca tivesse conhecido ninguém que fizesse aquilo tão bem quanto Kendall.

Wells virou a cabeça de um lado para o outro, procurando Graham, o único outro phoeniciano além de Wells e Clarke. Ele normalmente não gostava de deixar Graham assumir o controle do grupo, mas o outro garoto tinha sido amigo de Asher e estava mais bem preparado do que Wells para falar em seu funeral. No entanto, o rosto era um dos poucos que estava faltando na multidão — além do de Clarke. Ela tinha

saído com Bellamy logo depois do incêndio para procurar a irmã dele, deixando nada além da memória das seis palavras tóxicas que tinha lançado sobre ele antes de partir: *Você destrói tudo em que toca.*

Um estalo veio da floresta, desencadeando arfadas na multidão. Sem pensar, Wells colocou Molly às suas costas com um dos braços e pegou uma pá com o outro.

Um momento depois, Graham entrou na clareira acompanhado por dois arcadianos — Azuma e Dmitri — e uma garota de Walden chamada Lila. Os três rapazes carregavam braçadas de madeira, enquanto Lila tinha alguns galhos enfiados debaixo do braço.

— Então era com *vocês* que estavam os machados — falou um waldenita chamado Antonio, olhando para as ferramentas apoiadas sobre os ombros de Azuma e Dmitri. — Poderíamos tê-los usado esta tarde, sabiam?

Graham ergueu uma sobrancelha enquanto examinava a cabana mais nova. Estavam finalmente pegando o jeito; não havia vãos no teto dessa vez, o que significava que ela ficaria muito mais aquecida e seca à noite. Mas nenhuma das estruturas tinha janelas. Era muito demorado cortá-las e, sem acesso a vidro ou plástico, seriam pouco mais do que buracos abertos nas paredes.

— Acreditem em mim, isso é mais importante — disse Graham, erguendo a pilha de madeira nos braços.

— Lenha? — perguntou Molly.

Ela se encolheu quando Graham expressou impaciência.

— Não, *lanças*. Algumas barracas de madeira não vão nos manter em segurança. Precisamos nos defender.

Na próxima vez que aqueles desgraçados aparecerem, estaremos prontos.

Seus olhos pararam sobre Asher, e uma expressão estranha percorreu o rosto de Graham. Sua costumeira fachada de raiva e arrogância tinha se desfeito, revelando algo como pesar verdadeiro.

— Você pode vir aqui um minuto? — perguntou Wells, amolecendo. — Achei que seria bom falarmos algumas palavras por Asher. Você o conhecia bem, então talvez quisesse...

— Parece que você tem tudo sob controle — interrompeu Graham, evitando o corpo de Asher quando seus olhos encontraram os de Wells. — Vá em frente, Chanceler.

Quando o sol tinha acabado de se pôr, Wells e Eric estavam colocando as últimas pás de terra sobre o novo túmulo enquanto Priya envolvia a lápide de pedra com flores. O resto do grupo havia dispersado, ou para evitar assistir ao sepultamento em si, ou para garantir um lugar em uma das novas cabanas. Cada uma delas podia confortavelmente, comportar vinte ou trinta se as pessoas estivessem cansadas demais — ou com frio demais — para reclamar de pernas errantes esparramadas sobre sua montanha de cobertores chamuscados ou de possíveis cotoveladas no rosto.

Wells ficou decepcionado, embora não estivesse surpreso ao descobrir que Lila tinha mais uma vez reivindicado uma das cabanas para Graham e seus amigos, deixando as crianças mais novas tremendo no frio enquanto examinavam cautelosamente a clareira repleta de sombras. Mesmo com guardas voluntários

mantendo a vigília, ninguém que tivesse sido deixado do lado de fora teria uma noite sossegada.

— Ei — falou Wells, quando Graham passou por ele carregando uma de suas lanças parcialmente terminadas. — Como você e Dmitri assumirão o segundo turno da guarda, por que não dormem do lado de fora? Será mais fácil encontrá-los quando meu turno acabar.

Antes que Graham pudesse responder, Lila se aproximou e prendeu seu braço no dele.

— Você prometeu que ficaria comigo esta noite, lembra? Estou muito assustada para dormir sozinha — disse ela, imitando uma voz sussurrada e aguda muito diferente de seu habitual tom incisivo.

— Sinto muito — falou Graham para Wells, encolhendo os ombros. Wells podia sentir o tom presunçoso em sua voz. — Odeio quebrar uma promessa. — Graham jogou sua lança para Wells, que a segurou com uma das mãos. — Ficarei responsável por um turno amanhã à noite, se não estivermos todos mortos até lá.

Lila estremeceu de forma exagerada.

— *Graham* — repreendeu ela. — Você não deveria falar assim!

— Não se preocupe, vou proteger você — disse Graham, passando o braço em volta dela. — Ou pelo menos garantir que sua última noite na Terra seja a melhor da sua vida.

Lila deu uma risadinha, e Wells lutou contra o impulso de revirar os olhos.

— Talvez vocês dois devessem dormir do lado de fora — falou Eric, surgindo das sombras. — Assim, o

resto de nós pode ter a chance de descansar um pouco.

Graham debochou:

— Não finja que não vi Felix saindo do seu saco de dormir hoje de manhã, Eric. Se tem algo que não suporto é gente hipócrita.

O esboço de um raro sorriso cintilou no rosto de Eric:

— Sim, mas você não nos *ouviu*.

— Vamos *logo* — disse Lila, puxando Graham. — Venha antes que Tamsin dê nossa cama a alguém.

— Você quer que eu fique neste turno com você? — ofereceu Eric, olhando para Wells.

Wells negou com a cabeça:

— Está tudo bem. Priya já está lá fora checando o perímetro.

— Você acha que eles vão voltar? — perguntou Eric, abaixando a voz.

Wells olhou para trás, procurando alguém que pudesse estar escutando escondido na escuridão, então fez que sim com a cabeça:

— Foi mais que um aviso. Foi uma demonstração de força. Quem quer que sejam, querem que saibamos que não estão felizes com nossa presença.

— Não. Claramente não estão — falou Eric, se virando para olhar para o outro lado da clareira, onde Asher estava enterrado.

Com um suspiro, ele deu um boa-noite a Wells e seguiu na direção do grupo de camas improvisadas, que Felix e alguns dos outros tinham agrupado em volta da cavidade vazia da fogueira por força do hábito.

Wells ergueu a lança sobre o ombro e se virou para encontrar Priya. Só tinha dado alguns passos quando

seu ombro bateu em algo, e um ganido soou na escuridão.

— Você está bem? — perguntou Wells, esticando a mão para se equilibrar.

— Estou bem — falou uma menina, com a voz trêmula.

Era Molly.

— Onde você vai dormir esta noite? Vou ajudá-la a encontrar sua cama.

— Do lado de fora. Não tinha mais espaço nas cabanas.

A voz da menina era fraca.

Wells foi tomado por um impulso de pegar Graham e Lila e jogá-los no riacho.

— Você tem agasalho suficiente? — perguntou ele. — Posso arranjar um cobertor para você.

Ele arrancaria do corpo de Graham se fosse necessário.

— Estou bem. Está bem quente esta noite, não está?

Wells a examinou, desconfiado. A temperatura tinha caído consideravelmente desde que o sol se pôs. Ele esticou o braço e pressionou as costas da mão contra a testa de Molly. Sua pele estava quente:

— Você tem certeza de que está se sentindo bem?

— Talvez um pouco tonta — admitiu ela.

Wells apertou os lábios. Tinham perdido muitos de seus suprimentos no incêndio, o que significava que as porções de comida haviam diminuído significativamente.

— Aqui — disse ele, enfiando a mão no bolso para pegar o pacote de proteína que não tivera tempo de terminar. — Coma isto.

Ela fez que não com a cabeça.

— Está tudo bem. Não estou com fome — falou ela, de forma pouco convincente.

Depois de fazê-la prometer que avisaria a ele caso não estivesse se sentindo melhor no dia seguinte, Wells partiu para procurar Priya. Haviam recuperado a maior parte dos remédios, mas de que eles serviriam sem a única pessoa que sabia como usá-los? Ele se perguntou o quanto longe Clarke e Bellamy chegaram a essa altura e se encontraram algum sinal de Octavia. Uma pontada de medo abriu espaço em sua exaustão, e ele pensou sobre os perigos que estavam diante de Clarke na floresta. Ela e Bellamy tinham partido antes do ataque. Não faziam a menor ideia de que havia *pessoas* por lá, Terráqueos que se comunicavam através de flechas mortais.

Ele suspirou enquanto inclinava a cabeça para trás e olhava na direção do céu, enviando uma prece silenciosa para a garota por quem tinha arriscado incontáveis vidas para proteger. A garota cujos olhos queimavam com ódio quando ela lhe disse que nunca mais queria vê-lo.

CAPÍTULO 2

Clarke

Eles já estavam caminhando há dois dias, descansando apenas de uma ou de duas em duas horas. A parte posterior das coxas de Clarke estava queimando, mas Bellamy não mostrava nenhum sinal de querer parar. Clarke não se importava — na verdade, agradecia a dor. Quanto mais pensava sobre os músculos de sua perna, menos pensava sobre a dor em seu peito e sobre a amiga que ela não tinha sido capaz de salvar.

Ela respirou fundo. Mesmo se estivesse vendada, seria capaz de dizer que o sol tinha se posto. O ar estava pesado com o aroma das flores brancas que só desabrochavam à noite, fazendo parecer que as árvores tinham se vestido para o jantar. Clarke desejava saber que tipo de vantagem evolutiva as flores estranhas ofereciam. Talvez atraíssem um tipo de inseto noturno? Seu perfume distinto chegava a ser exagerado nos locais onde as árvores cresciam próximas, mas Clarke preferia aquilo às fileiras ordenadas de macieiras que ela e Bellamy tinham visto mais cedo. Sua nuca se arrepiou ao se lembrar dos troncos uniformemente espaçados, como guardas com as costas eretas parados em formação.

Bellamy caminhava alguns metros à sua frente. Ele tinha ficado calado, exatamente como ficava em suas expedições de caça. Mas dessa vez não estava rastreando um coelho ou seguindo um cervo. Estava procurando pela irmã.

Já havia se passado quase um dia inteiro desde que tinham visto o último par de pegadas, e a verdade implícita deixava o silêncio mais espesso até que Clarke pudesse senti-lo apertando seu peito.

Eles tinham perdido o rastro de Octavia.

Bellamy parou no topo da colina, e Clarke parou ao seu lado. Estavam de pé na beira de uma cordilheira. Apenas alguns metros adiante, o solo se inclinava de forma íngreme, descendo até um corpo d'água cintilante. A lua no alto estava enorme e brilhante, enquanto uma segunda lua tremulava logo abaixo, refletida na superfície.

— É linda — falou Bellamy, sem olhar para ela, mas havia certa tensão em sua voz.

Clarke colocou a mão no braço de Bellamy. Ele se encolheu, mas não se afastou:

— Aposto que Octavia achou o mesmo. Será que devemos descer para ver se há algum sinal...

Clarke foi perdendo a voz. Octavia tinha saído para uma caminhada espontânea pela floresta. Nenhum dos dois queria falar em voz alta, mas o desaparecimento repentino de Octavia, a forma como suas pegadas sugeriam que ela havia sido arrastada — que tinha sido *levada*.

Mas por quem? Clarke pensou nas macieiras mais uma vez, e estremeceu.

Bellamy deu alguns passos adiante.

— Parece um pouco menos íngreme aqui — disse ele, esticando o braço para segurar a mão dela. — Vamos.

Eles não conversaram enquanto desciam a ladeira. Quando Clarke deslizou num pedaço de lama escorregadia, Bellamy a segurou com mais força e a ajudou a recuperar o equilíbrio. Mas, no momento em que chegaram à terra plana, ele a soltou e correu na direção da água, examinando a margem à procura de pegadas.

Clarke ficou para trás, olhando para o lago enquanto o encanto eliminava completamente a exaustão que tinha se estabelecido em seus membros. A superfície era lisa como vidro e o reflexo da lua se parecia com uma das pedras preciosas que ocasionalmente vira no Entrepasto, trancadas num mostruário transparente.

Quando Bellamy se virou, sua expressão estava cansada, quase derrotada.

— Acho melhor descansarmos — falou ele. — Não faz sentido vagar pela escuridão sem uma trilha.

Concordando com a cabeça, Clarke deixou a mochila cair no chão, ergueu os braços no ar e se alongou. Estava cansada e suada, e havia uma camada de fuligem de dias em sua pele que estava desesperada para lavar.

Ela caminhou lentamente na direção do lago, agachando na beira e afundando as pontas dos dedos na superfície. Assim que chegaram à Terra, tinha sido cuidadosa em purificar qualquer água que eles fossem beber ou usar para tomar banho, caso estivesse contaminada com bactéria radioativa. Mas estava